



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL

ALDEMIRO FERREIRA

PEQUENAS EPIFANIAS: A AIDS NAS CRÔNICAS DE CAIO FERNANDO ABREU

JARDIM - MS

2020

ALDEMIRO FERREIRA

PEQUENAS EPIFANIAS: A AIDS NAS CRÔNICAS DE CAIO FERNANDO ABREU

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Letras - Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo Campos
Pedroso Junior**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Orientador: Neurivaldo Campos Pedroso Junior

APROVADO EM: 01/09/2020

Profa. Dra. Adélia Maria E. Azevedo

Profa. Ma. Roseli Peixoto Grubert

UEMS– Jardim

2020

FERREIRA, Aldemiro.

PEQUENAS EPIFANIAS: A AIDS NAS CRÔNICAS DE CAIO FERNANDO ABREU

Jardim-MS UEMS, 2020, 46 p.

Bibliografia

Trabalho de conclusão de curso – Curso de Letras Habilitação Português-
Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Palavras Chave: Caio Fernando. Pequenas epifanias. Escritor. Cartas. Aids

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Jardim-MS, setembro de 2020.

Aldemiro Ferreira

DEDICATÓRIA

Com sentimento de gratidão e alegria, dedico este trabalho à minha família; amigos e companheiros de estrada que tornaram possível essa realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por proporcionar-me a oportunidade de cursar e concluir o Curso de Letras, Habilitação Português/Inglês, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS – Unidade Universitária de Jardim - MS

A minha família que durante toda essa trajetória me incentivaram, animaram e alimentaram minha esperança.

Aos meus professores que com sabedoria souberam ministrar suas aulas, proporcionando não apenas o conhecimento científico, mas também experiências que contribuíram essencialmente para que eu chegasse até aqui.

Aos meus colegas pelos momentos difíceis e prazerosos que compartilhamos juntos, sua amizade, força e companheirismo.

Ao meu orientador professor Neurivaldo Campos Pedroso Junior pela paciência, dedicação e motivação, ajudando-me na elaboração do TCC e, principalmente, em acreditar na minha capacidade.

A todas as pessoas que cruzaram meu caminho nessa trajetória e que de alguma forma contribuíram com esse momento singular e exitoso em minha vida.

RESUMO

O objetivo central da pesquisa intitulada, *Pequenas Epifanias: A Aids nas crônicas de Caio Fernando Abreu*, aborda a trajetória histórica desse literário brasileiro. Abreu (2014) vivenciou as marcas da ditadura militar nos anos 70 e 80, sofreu repressões em sua terra natal Rio Grande de Sul e, não calou diante dos desafios da sociedade daquela época. Ao contrário, com a produção literária protagonizou um momento de crítica aos mandos da ditadura, discutindo com seus amigos, por meio de cartas, assuntos polêmicos como a homoafetividade, a sociedade e principalmente a AIDS. As temáticas criativa na obra literária de Abreu são decorrentes do fato de ser, das reflexões e críticas sociais e de ser soro positivo para o vírus HIV. A obra é fruto de um não se curvar perante os dramas pessoais. A produção literária, alvo, deste Trabalho de Conclusão de Curso aponta para o legado riquíssimo de humanidade, carisma literário e palavras encorajadoras diante de um cenário nacional de ditadura, censura e repreensão. Nessa perspectiva, a presente pesquisa trata sobre o tema de forma a contribuir com a construção de um conhecimento sobre o autor, mostrando as habilidades e competências de escrever e de enfrentar a vida com otimismo e esperança de que o amanhã sempre poderá ser melhor.

Palavras-chave: 1. Caio Fernando Abreu. 2. Literatura. 3. Crônicas. 4. Aids.

ABSTRACT

With the central objective, the research entitled *Pequenas Epifanias: A Aids nas crônicas de Caio Fernando Abreu*, addresses the historical trajectory of this Brazilian literary, who experienced the marks of the military dictatorship in the 70s and 80s, where he suffered repression in his homeland Rio Grande do Sul, however, he did not remain in silent in face of the challenges, but he led a moment of criticism to the dictatorship's orders, discussing with his friends, through letters, controversial issues such as homoaffectiveness, society and especially AIDS when he learned he had the HIV virus he did not bow to his personal dramas, but transformed the disease into inspiration for writing, leaving a rich legacy of humanity, literary charisma and encouraging words into the national scenario of dictatorship, censorship and reprimand. In this perspective, this research deals with the theme in order to contribute to construct the knowledge about the author, showing his ability and competence to write and to face life with optimism and hope that tomorrow can always be better.

Keywords: 1. Caio Fernando Abreu. 2. Literature. 3. Chronicles. 4. Aids

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1. Biografia de Caio Fernando Abreu.....	12
1.1 Caio Fernando Abreu: retratos de sua vida.....	12
1.2 A trajetória de Caio Fernando Abreu como literário brasileiro.....	17
CAPÍTULO 2. Análise da obra póstuma <i>Pequenas Epifanias</i>	22
2.1 As revelações contidas nas três cartas de Caio Fernando Abreu.....	22
2.2 Seus escritos, descobertas e dramas pessoais.....	29
CAPÍTULO 3. O legado de Caio Fernando Abreu.....	33
3.1. As crônicas de Caio de Abreu: análise das <i>Pequenas Epifanias</i>	33
3.2. AIDS e sua inspiração para escrever.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

INTRODUÇÃO

Este TCC tem como objetivo analisar a forma com que Caio Fernando Abreu relaciona o HIV/AIDS com os seus textos literários, destacando as *Carta para além do muro* que constam da obra póstuma *Pequenas Epifanias*, sua trajetória como escritor e paixão pela escrita, na qual o mesmo defende a ideia de que escrever é algo que leva o ser humano à transcendência, superando seus dramas e suas dores.

Caio Fernando Abreu foi um apaixonado pela vida, pelos amigos, pela escrita e pela liberdade. Por conta de sua vivência única e intensa experimentou diversos sabores da vida, amargo, doce, suave, ácido. Brasileiro, de Rio Grande do Sul e ainda jovem se projetou ao mundo por meio de sua vasta e diversificada atuação como literário, roteirista, editor, jornalista, escritor e principalmente amigo dos amigos a quem escrevia freneticamente suas cartas regadas de sentimentos, desabafos e cumplicidades.

O objetivo dessa pesquisa é abordar sobre a vida e a trajetória do escritor e poeta Caio Fernando Abreu, discorrendo a cerca de sua vida como escritor, poeta e literário e de suas experiências pessoais como a AIDS e a paixão por escrever. Nesse sentido, o interesse por esse tema nasceu a partir do contato com esse escritor, percebendo sua importância literária para a construção de ideias a respeito do ato de escrever e da forma como o autor encara seus dramas pessoais, proporcionando aos leitores uma reflexão sobre a própria vida; considera-se ainda o fato do autor abordar questões pertinentes para o momento atual, como o pensamento sobre política, justiça social, preconceito de gênero e racial e o sentimento humano diante da vida e da morte.

A escolha especificamente da obra *Pequenas Epifanias*, de Caio Fernando Abreu se deve ao fato de encontrar nessa obra possibilidades de reflexões sobre a vida, diante do dilema da AIDS e a partir desse contexto, fazer abordagens sobre temas relacionados a vida humana em sua conjuntura total.

Por reconhecer nesse homem a fantástica paixão pela vida e pela arte (de escrever, de criar, de inventar e de desafiar os medos e horrores do momento) é que aceitei o desafio de escrever sobre ele em meu trabalho de conclusão de curso de Letras. Precisa-se defender a escrita, a literatura e paixão pelo saber das coisas da vida e da cognição, trazendo à nossa lucidez racional tal artista, tão nosso (brasileiro), tão atual e tão significativo para a contemporaneidade.

Nessa perspectiva metodológica, a pesquisa literária calca-se em autores que escrevem sobre Caio Fernando Abreu, apresentando sua vida e suas paixões como ser

humano, amigo e escritor. Assim, trará o pensamento de pessoas que retrataram a sua biografia como Dip (2009), Bessa (1997), Frazão (2013), Passos (2010), Magri (2013), Alselmi (2016), entre outros autores que abordam o tema pesquisado.

O TCC pretende no Capítulo I, a **Biografia de Caio Fernando Abreu**, discutir sobre os retratos de sua vida, sua trajetória como literário e escritor, suas cartas endereçadas aos amigos e sua experiência frente à ditadura militar.

No Capítulo II, sob **Análise da obra póstuma *Pequenas Epifanias***, faz-se abordagem referente suas cartas, as revelações de seus dramas, sofrimentos e dores causadas pela AIDS e suas inspirações para escrever.

O Capítulo III discorre sob o **Legado de Caio Fernando Abreu**, descrevendo sobre a experiência de sua amizade para os amigos e o que podemos conhecer compreender e aprender dele em tempos atuais.

E as **Considerações Finais** aponta o resultado da pesquisa, retratando a aprendizagem e as compreensões do escritor.

CAPÍTULO I

BIOGRAFIA DE CAIO FERNANDO ABREU

Neste capítulo abordar-se-á a biografia de Caio Fernando Abreu, que está dividido em itens referente à sua trajetória de vida, de escritor e sua postura como pessoa e crítico frente ao evento da ditadura militar.

De acordo com Frazão¹ (2013), Caio F tinha o nome de batismo de Caio Fernando Loureiro de Abreu. Ele nasceu na cidade de Santiago do Boqueirão que está localizada no interior do estado de Rio Grande do Sul. Seu nascimento foi datado em 12 de setembro de 1948. Ainda muito pequeno, com apenas seis anos escreveu o primeiro texto. No ano de 1963, mudou-se para Porto Alegre juntamente com sua família onde estudou o colegial. Com 19 anos iniciou seu estudo superior no curso de Letras e de Artes cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no entanto, não se formou, mas mudou-se para São Paulo para trabalhar na revista *Veja*.

Os apontamentos traçados nesse capítulo retratam a vida desse escritor de maneira que busca em críticos, literários relatos do que ele foi e viveu, apresentando com cuidado e esmero uma parte de sua trajetória e relevância no contexto artístico, dramaturgo e literário do Brasil.

1.1 – Caio Fernando de Abreu: retratos de sua vida.

Pouco se encontra nos escritos analisados sobre a história cronológica de Caio Fernando Abreu, ou Caio F, como se identificada nas cartas escritas. O que muito se verifica nos documentos são os comentários saudosos de seus escritores e amigos que falam sobre Caio Fernando Abreu, decifrando-o em seus diferentes momentos e situações.

Dip (2009) em sua obra, *Para sempre teu, Caio F* descreve com precisão e sentimento sua experiência com o poeta e escritor, onde viveu um percurso da história do Brasil nada fácil para os jovens da época.

Caio viveu sua infância no interior do Rio Grande do Sul, chão de terra batida, pomar no quintal, galinhas, cachorros e passarinhos. Teve até duas corujas, que chegaram numa gaiola e depois andariam soltas pela casa e seriam protagonistas de um conto dos anos 70. Os olhos amarelos e a atitude noturna daqueles bichos de hábitos noturnos impressionaram o

¹ Dilva Frazão possui bacharelado em Biblioteconomia pela UFPE e é professora do ensino fundamental. Desde 2008 trabalha na redação e revisão de conteúdos educativos para a web.

menino, que os batizou secretamente de Cassandra e Pasputin, conforme revelou no conto “Coruja” do seu primeiro livro de contos, Inventário do irremediável. (DIP 2009, p.99).

Essa passagem descreve a vida simples de um menino que nasce e passa seus primeiros anos de vida, experimentando o que todas as crianças do interior vivenciavam. A simplicidade e inocência no convívio da família e dos que podemos chamar de “agregados” que são os muitos bichos de estimação, próprios na vida interiorana.

Em outra passagem, Caio apresenta-se, descrevendo como era a sua cidade natal.

Tinha orgulho de dizer que vinha de uma cidadezinha que na época do seu nascimento ainda não tinha luz elétrica: “sou de Santiago do Boqueirão no Rio Grande do Sul, terra de macho, tchê, quase fronteira com a Argentina, já ouviu fala?” Desafiava com seu jeito atrevido: terra onde os invernos eram rigorosos, tinha até neve. (DIP 2009, p. 99).

Esse trecho mostra a forma com que Caio apresenta e descreve sua terra natal, em que é possível perceber o carinho e orgulho do personagem por sua origem.

Dip descreve, abaixo, os primeiros momentos da vida de Caio após seu nascimento, no contexto de sua família.

Caio nasceu em Santiago do Boqueirão, na manhã de 12 de setembro de 1948, primogênito de Zaél Menezes Abreu e Nair Loureiro de Abreu. Nasceu em casa, com parteira e a presença da avó. Era um bebê grande saudável. Teve quatro irmãos, José Cláudio (Gringo), Luiz Felipe, Márcia e Cláudia, todos nascidos em Santiago. Sempre foi o filho favorito de sua mãe (DIP 2009, p. 99).

Segundo Dip, a mãe tinha uma postura diferenciada, apresentando um temperamento forte, mas afetuosa, decidida e ativa. Já casada, se formou professora e lecionou história. Para Caio, a mãe era o espelho e o motivo de orgulho, já o pai era considerado por Caio um modelo a seguir, onde suas atitudes e forma de ver a vida se parecia muito com a do filho, como retrata o texto a seguir.

Caio orgulhava-se dela, dizia que era um exemplo de obstinação e paciência, boa, compreensiva, presente, uma verdadeira supermãe. O pai Zaél (...) foi um jovem alegre e cheio de vida que serviu no exército por decisão de seu pai, fazendo rígido que queria impor disciplina ao filho. Mas o ambiente da caserna não lhe era agradável. Em 1964, decepcionado com os meandros da burocracia militar; apresentou-se e não quis mais saber da carreira. Marido caseiro, pai afetivo, ele se esforçava por manter uma imagem de durão, mas quase sempre cedia aos pedidos da família, era emotivo e não se envergonhava de verter uma ou outra lágrima diante dos filhos. (DIP 2009, p. 100).

Os trechos até aqui apresentados, descrevem a constituição familiar e de vida de Caio F. que desde seu nascimento experimentou valores e princípios que mais tarde determinariam seu comportamento como pessoa e profissional.

Passado esse tempo de infância, Caio toma decisões contundentes em sua vida, deixa sua terra, mergulha no universo da escrita que, por sinal, é uma herança de seu pai, como descreve Dip (2009) ao dizer: “Zaél lia muito, inclusive para os filhos na hora de dormir”. Passaram-se os tempos e chegou à juventude. Hora de nortear a vida e encabeçar outros projetos. Década de 80, escreve Dip.

Éramos jovens nos anos 80; barra difícil de segurar, como se dizia então. Além daquelas ombreiras horríveis, convivemos com a ditadura militar que demorou a se recolher à caserna de onde nunca deveria ter saído. Mas como nem tudo é só enchimento de ombro e escuridão, tivemos o privilégio de experimentar, em primeira mão, o alvorecer da revolução global que se deu em meados do século XX (DIP 2009, p. 9).

Essa passagem contextualiza o tempo em que Caio F viveu o seu auge da juventude. Um tempo que exigia dos jovens certa lucidez e atitude frente aos acontecimentos que o país atravessava. Esses eventos contribuíram muito para que o nosso autor se consolidasse no que mais tarde, se mostrou: um homem de fé na vida e nos amigos, crítico, atuante e frenético na vivência como ser humano, como produtor de diferentes gêneros literário e como cidadão que acompanhava os eventos do mundo, como retrata o texto a seguir.

Ele mergulhou em todas as ondas, foi fundo nas águas lisérgicas do movimento hippie e se jogou na noite preta da punk, “apavorado viajante”, como disse certa vez. Conferiu tudo a que tinha direito e morreu jovem, vítima da AIDS, como se morria de tuberculose no século XIX, e virou um escritor emblemático do nosso *fin de siècle*. (DIP 2009, p. 10).

Esse trecho marca a atuação crítica e politizada de Caio F nos anos de sua juventude, onde a própria situação do momento consolidava-o um grande escritor e jornalista.

Retrata Frazão a vida intensa de Caio F relacionado ao Brasil da década de 80. Leiamos o fragmento abaixo:

Caio Fernando Abreu (1948–1996) foi um escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro, considerado um legítimo representante da geração que marcou a cena cultural do país nos anos 80. (FRAZÃO site www.ebiografia.com.br).

Nos anos 70, como descreve Frazão (2013), Caio F vive a perseguição da

ditadura militar e inicia uma vida errante. Trabalha no Rio de Janeiro como pesquisador e redator das revistas “Manchete” e “Pais e Filhos”; no entanto, ao retornar para Porto Alegre é preso portando drogas.

Caio F se exila na Europa no ano de 1973 ao fugir da ditadura militar e passa a morar em Londres e depois em Estocolmo, tendo que trabalhar de ajudante de cozinha para se sustentar. Volta para Porto Alegre e, no ano seguinte, inicia oficialmente sua criação literária, escrevendo teatro e colaborando com diversos veículos de imprensa.

Na década de 80 Caio destaca-se em outra obra “Morangos mofados” onde aborda questões essenciais no contexto da sociedade e política brasileira. O autor movimenta o mundo literário reunindo contos que denunciam um clima de angustia e opressão a partir de uma linguagem hermética, como retrata no texto que segue.

Poderia começá-la também assim – pigarreou & disse: diríamos que Ele apresentava-se ou revelava-se ou expressava-se (entregava-se?) ou fosse lá o que fosse, naquele momento específico, por uma predileção, tendência, símbolo, sintoma ou como queiram chamá-lo, senhores, senhoras, aos blues lentos, aos cafés amargos, aos tabacos fortes. E os morcegos esvoaçavam ao redor da casa. (ABREU, 1983, p.38)

Dip (2009) retrata em seus escritos a frenética vida de Caio F que durante sua juventude vivencia todas as formas de experiências que se tornam determinantes nos próximos anos de sua vida. Ele escreve diversos livros, artigos, poemas e cartas que são enviadas e conhecidas dentro e fora do país. Suas produções o tornam um homem público, conhecido, amado e odiado em sua própria terra.

Por seus escritos recebe diversos prêmios como o prêmio Jabuti por três vezes; o prêmio Moliere e o prêmio da APC, como produtor do melhor romance do ano.

No ano de 1994 Caio F descobre que é portador do vírus HIV, declarando publicamente sua situação no jornal O Estado S. Paulo, por meio de suas cartas denominadas “Carta para Além do Muro”.

Dip (2009) relata que os últimos anos de Caio F foram tempos difíceis de dores, sofrimentos físicos e emocionais e uma longa despedida que adentrou o coração de seus amigos. Em 25 de fevereiro de 1996 morre, aos 47 anos, um jovem que espalhou pelos caminhos trilhados diversos sentimentos, deixando em seus amigos e admiradores uma saudade infinita e um vazio imenso.

Caio F transparece em todos os escritos analisados, como uma figura enigmática, que não se decifra com facilidade e nem dá a transparência que se precisa

para compreendê-lo. Essa imagem fica clara no relato a seguir.

De todos os rapazes que eu conhecera até então, Caio era o primeiro que eu não conseguia decifrar. Ao contrário do Caloca, eu estava interessada em seus mistérios. Afinal, qual era a dele? Cínico, louco, tímido, meigo. Caio tinha um jeito meio David Bowie de ser, e nada ficava muito claro: ele gostava de meninos ou meninas? Queria ser meu bem, meu zen, meu mal, ou nenhuma das anteriores? Levei um tempo para desvendar o enigma daquela figura longilínea de olhos intensos eu falava de assuntos seríssimos com a elegância de um filósofo platônico, e, de repente, soava como uma tia fofoqueira, uma “naja” como ele mesmo dizia, que distribuía apelidos hilários e fazia comentários ferinos sobre tudo e todos. (DIP 2009, p. 25).

Nesse trecho, a autora, Paula Dip define Caio F como algo indecifrável que não se deixa conhecer. A justificativa para tal afirmação da crítica literária está no fato de que o autor carrega em si o mistério místico de um ser emblemático. É dessa mesma forma que outros autores descrevem esse personagem, retratando-o como alguém que se pode amar loucamente ou temer pavorosamente.

Passos (2010) ressalta que Caio F é um personagem capaz de fazer com que o leitor transcenda sua própria vida, perfazendo caminhos que se misturam entre o real e o imaginário. Sua figura emblemática e com certo mistério deixa seus amigos, admiradores e leitores perplexos diante de um enigma vivo que não se permite conhecer por completo.

Em outra passagem Dip escreve:

E era meio bruxo: fazia horóscopos, interpretava tarôs, tinha pais de santo e orixás, dava conselhos, lia o que escrevíamos, distribuía elogios, ou nem tanto, nos mostrava seus contos, pedia opinião, apontava caminhos. E escrevia sem parar. Acreditava que todo mundo tinha uma estrela, todo mundo devia escrever. Não existia um só fio de egoísmo em Caio quando se tratava de escrita: a literatura era sua religião e ele queria converter todos à sua fé. (DIP 2009, p. 25).

A linguagem nesse contexto tem um significado claro sobre Caio. Ele demonstrava certo sentido antagônico e contraditório, no entanto, era fiel e presente na vida de seus amigos, entrelaçando sonhos, aventuras e desventuras no compartilhar da vida cotidiana, enxergando o ser humano como aquilo que precisa ser amado, como descreve seu escritor Pedro Paulo de Sena Madureira, retratado por Dip.

Caio era um amante do ser humano. Não conhecia limites nem na sua obra, nem na sua vida pessoal. Não era apenas um bissexual ou um homossexual que tinha “recaídas” heterossexuais. Ele se apaixonava pelas pessoas; se fosse mulher, se fosse homem. Ele me dizia: “Você que é de aquário, entende destas coisas, sua cabeça também não tem fronteiras”. (DIP 2009, p. 26).

Essa passagem mostra um Caio que encontra no ser humano a potencialidade do amor. Amor que precisa ser entendida além do desejo ou do interesse sexual. Um amor transcendente, que se torna capaz de olhar para o outro com o desejo do bem, do fraterno e da solidariedade. Bem comum essa atitude em quem viveu a tortura e os horrores de um tempo marcado pela repressão.

Como ficou claro em todas as passagens desse item, Caio foi um ser humano intenso, ativo e frenético em tudo que viveu e produziu. Trabalhou incansavelmente e fez de seu trabalho um espaço de realização pessoal. Fez amigos e carregou-os em seu íntimo para além da morte, deixando neles também a essência de uma vida que não pára.

Amigo e admirador de Cazuza² e Rita Lee³ não podia ser diferente. Tinha mesmo que transpor para além da vida a própria vida. Caio permanece vivo na memória de muitos sonhadores, jovens ou “velhos” que buscam na existência o sentido de existir e que não se resguarda ou guarda para o depois, mas vive com intensa tenacidade o agora.

1.2 – A trajetória de Caio Fernando de Abreu como literário brasileiro

Caio F. com a mesma intensidade de sua vida infanto-juvenil, inicia-se na carreira como escritor. Escrever era uma das suas grandes paixões. Ele mesmo se define dizendo: “Escrevendo, eu falo para caralho, não é?”. Nessa frase se percebe que a fala e a linguagem de Caio perpassa pela escrita.

Dip escreve, descrevendo a fisionomia e a personalidade de Caio como literário.

Parece que foi ontem: ele alto, magro, pernas longas, pés descalços e caminhava pelos corredores da Editora Abril, num ritmo quase baiano, não de gaúcho. Jeans, camiseta, óculos redondinhos, lembrava John Lennon. Fumava sem parar, roía as unhas e passava a mão nos cabelos semilongos, um misto de príncipe valente com canto de rock. (DIP 2009, p. 19).

Assim, a amiga Dip descreve Caio F. que adentrou o universo da escrita e produções literárias intensamente. Ele não apenas escreveu, mas representou uma geração, seus sentimentos, dores e prazeres em um tempo, literalmente difícil.

Alselmi (2016) retrata esse tempo, dizendo que Caio era uma voz que

² Agenor de Miranda Araújo Neto, mais conhecido como Cazuza, nasceu no Rio de Janeiro em 1958; foi cantor, compositor, poeta e letrista brasileiro, faleceu em decorrência ao HIV em 1990.

³ Rita Lee Jones nasceu em São Paulo no ano de 1947 é cantora e compositora, começou sua vida de artista no universo da música com 15 anos e até hoje continua sendo uma expoente do estilo Rock brasileiro.

provocava amores e temores.

Considerado um dos nomes ícones da geração pós-64, a literatura de Caio Fernando Abreu, por um lado, reflete a insatisfação da juventude diante de uma realidade asfíxica caracterizada por repressão, censura, consumismo e desigualdades sociais; por outro lado, a literatura do autor também possui uma faceta intimista, que se manifesta por meio da introspecção, na qual ganha importância a interioridade e a psicologia individual dessa geração. Nessa última vertente, o escritor frequentemente é comparado a Clarice Lispector, por quem é assumidamente influenciado (ALSELMI, 2016, p.94).

É bem possível que Caio tenha em seus escritos o direcionamento para uma reflexão de seu tempo e de suas percepções, compreender isso, no escritor é fundamental para entender a sua dialética entre a realidade e a fixação que aparece de forma frequente em seus escritos.

Por meio da análise do livro de Dip (2009), intitulado *Para sempre teu, Caio F*, é possível verificar que a literatura de Caio F é muito rica em conteúdo, temas polêmicos como a política, religião, drogas e sexo, o que era um tabu na época, ao mesmo tempo em que é imensamente diversificada, pois ele escreve sobre muitas coisas, da vida, do planeta, de si. O texto abaixo fala da preocupação ecológica de Caio, sendo um tanto místico ao detectar problemas não discutidos em sua época, mas tão real atualmente.

Num texto dos anos 80, disse que São Paulo iria desaparecer “num enorme que se abriria na cidade”, e não é que estamos quase lá? Ele foi um dos primeiros a desenvolver, em sua obra, um a “consciência ecológica”: viva preocupado com a devastação das florestas e com aquilo que hoje chamamos de efeito estufa. Ele não era especialista em questões ambientais, era antenado mesmo. (DIP 2009, p. 95).

Em outra passagem, a autora diz:

Místico, Caio acreditava que os eventos se encadeiam de forma precisa de acordo com os desígnios de uma força maior. Os anjos, Deus, Buda, Alá, sina, carma, destino? Não importa: fosse o que fosse essa “força estranha”, ele e eu gostávamos de imaginar que o universo conspirava a nosso favor quando nos encontramos nos corredores da Editora Abril, e essa tal harmonia universal mereceria ser celebrada. (DIP 2009, p. 95).

Essa mistura literária de temas e concepções é que fazia de Caio extraordinário, como escritor e como pessoa. Esse seu jeito apaixonado pela vida, pelo outro e pela escrita contagiava os que estavam ao seu redor. É nesse sentido, que Dip fala:

Nosso encontro mudou minha vida. Como se dizia então, ele fez minha cabeça, apurou minha visão de mundo, incentivou meu namoro com as letras, trouxe poesia à minha existência. Eu era jovem, cheia de entusiasmo,

estava começando minha carreira em jornalismo. (DIP 2009, p. 95).

Caio, tal como Cazusa ou outros pensadores da época, gastava-se em pensar as coisas, faziam filosofia de mais alto nível e transbordava isso tudo em palavras. Palavras escritas. São recados, mensagens, pensamentos, livros, reflexões, questionamentos, poesias, dramaturgia, e outros tantos gêneros que faziam dele um literário antagônico, místico e profético, embora, não sendo entendido ou até mesmo aceito em sua sociedade.

Nesse sentido, Alselmi (2016) enfatiza que a escrita transcende o cotidiano e adentra o universo literário, oportunizando ao leitor condições de entender e interagir com a ideia do autor, como mostra o texto a seguir.

Por um lado, é preciso reconhecer que as correspondências de grandes escritores frequentemente transcendem o mero relato de situações cotidianas, apresentando um trabalho linguístico que muitas vezes aproxima o texto epistolar da escrita literária. Por outro, é importante lembrar que as cartas são produtos de linguagem, símbolos que, embora remetam ao real, constituem apenas uma encenação deste. Portanto, assim como qualquer outro discurso oral ou escrito, trata-se de uma representação, na qual o emissor vale-se de diferentes mecanismos com vistas a produzir determinadas impressões no interlocutor (ALSEMI, 2016, p.94).

O que o autor descreve é exatamente o que Caio F vivencia ao trocar correspondências com seus amigos. Ele proporciona que seus amigos e leitores transcendam o cotidiano e, por meio dos escritos, ampliem, completem e redescubram novos olhares sobre tudo, inclusive sobre si mesmo.

Passos (2010) descreve a literatura como o fazer do escritor, e isso aconteceu com Caio Fernando Abreu. O autor apresenta de forma concisa e objetiva os diferentes gêneros de escritos, enfatizando que as cartas correspondem ao mesmo tempo, a um gênero informal e com subsídio para uma obra literária.

A partir dessa constatação de Passos é possível concluir que as cartas de Caio F sinalizam a potencialidade para se tornarem elementos de obras literárias, uma vez que elas apresentam diversos assuntos e apontam diferentes direções para elaborar, destruir e reconstruir o pensamento.

Moriconi (2002) ao organizar e escrever sobre as cartas de Caio Fernando Abreu enfatiza que escritor é aquele que precisa superar os desafios e fazer de seus escritos a transcendência dos próprios problemas. Nesse sentido, ele transcreve o pensamento de Caio, ao afirmar:

Caio Fernando Abreu morreu cedo, aos 47 anos de idade, em pleno

apogeu de uma carreira exemplar de ficcionista. Exemplar pelo lado bom, pela dedicação permanente a seu destino e vocação, contra todas as adversidades oferecidas pelo meio circundante. Mas exemplar também por esse lado das adversidades. Sua trajetória de vida fornece um bom retrato da conspiração permanente operada pela sociedade brasileira no sentido de impedir ou dificultar a profissionalização do escritor-artista. Como diz Caio numa das cartas, a cada dia que levanta da cama, o escritor e a escritora brasileiros são convidados a desistir de sua vocação, seu desejo, sua vontade (MORICONI, 2002, p. 6).

A vocação de Caio era escrever. Por meio do que escrevia ele se revelava aos amigos e ao mundo. Sua trajetória literária é permeada por escritos diversos que fizeram dele um louco, apaixonado, alucinante escritor que pensava tudo e falava tudo. Era o ser transcrito em palavras que mudavam de gênero, com a mesma intensidade que a dinâmica de sua vida.

Segundo Moriconi, Caio era um escritor contextualizado, que identificava seu tempo e escrevia para o anseio de sua geração. Assim, suas obras contemplavam o que muitos jovens da década de 70 desejavam e buscava através da literatura. Esse outro trecho mostra essa realidade com muita clareza.

A maioria dos nossos novos leitores não tem ultrapassado a demanda por textos mais próximos de uma linguagem juvenil ou de uma orientação à autoajuda. Situação delineada exatamente no período em que Caio atingiu a maturidade — os anos 80/90 do século recém-terminado. Ele que, pelo cronograma das histórias literárias, tendo começado a escrever ainda quase adolescente nos anos 60, pode ser classificado como autor representativo da geração 70 em nossa literatura (MORICONI, 2002, p. 6).

O que se admira nos escritos sobre Caio é o fato de que os escritores que escrevem sobre ele, desvendam a sua apaixonante tendência pelo ato de escrever. Escrever para Caio se apresenta como algo tão nobre quanto natural. E desse escrever nasce a história de um homem que, embora tenha vivido a frenética ousadia do período ditatorial, conseguiu plantar ideias e pensamentos de caráter político, místico e crítico. Essa diversidade literária de Caio é, talvez, a maior riqueza que temos hoje, desse período histórico do escritor.

Ao ler a obra organizada por Moriconi (2002), intitulada *Caio Fernando Abreu – Cartas* é possível traçar um recorte histórico e literário dos escritos de Caio, onde ele conversa, através de cartas, com seus amigos e familiares sobre todas as coisas. Ele demonstra ser uma pessoa muito inteligente, crítica e conhecedora da realidade política e social do Brasil e de outros países, tanto, que faz comparações e demonstra profunda preocupação com o futuro político do país.

Mas também Caio fala da vida, dos problemas e dos dramas de existência que são vivenciados por ele e por alguns amigos. Fala da dificuldade financeira e de sua solidão fora de casa, como também das preocupações com a família.

De fato, seus escritos são memórias e contextos que apresentam sua trajetória literária, como escritor heterogêneo, transita em diversos assuntos, realidades e contextos.

As produções de Caio em revistas e redações fizeram dele um crítico consolidado e intrínseco ao mesmo tempo, pois essa profissão não apenas deu-lhe formação técnica, mas, sobretudo de caráter e de postura como ser humano livre e protagonista.

Suas obras, criações e poemas fizeram dele um marco pensante, capaz de adentrar o universo mais íntimo do ser humano, revelando suas desgraças humanas, ao mesmo que tempo que elencasse as mais confortantes palavras de encorajamento e liberdade.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DA OBRA PÓSTUMAS “*PEQUENAS EPIFANIAS*”.

O presente capítulo trata sobre a obra póstuma *Pequenas Epifanias*, fazendo uma análise do pensamento e das experiências de Caio Fernando Abreu, reveladas na obra.

Esta obra foi publicada posterior à morte do autor e pode ser definida como um compilado de crônicas de autoria de Caio Fernando Abreu que foram publicadas nos Jornais⁴ Estadão e Zero Hora⁵. O que contém nessas cartas são expressões vivas de uma alma que freneticamente exerce o direito de pensar, de amar e de expressar-se e faz isso de forma concomitantemente objetiva e subjetiva, intimista e reflexiva.

Moriconi (2002) ao enfatizar que Caio é essencialmente um literário envolvente, destaca que na obra *Pequenas Epifanias* reúnem-se crônicas que datam de 1986 a 1995, abrangendo um momento considerado especial da vida do escritor, pois é um período muito próximo à sua morte, em 1996, embora o termo Epifania esteja relacionado a ideia de vida, pois no cristianismo o ato epifânico, mostra o evento da apresentação do menino Deus..

Ao ler e analisar a obra *Pequenas Epifanias*, observa-se que os relatos demonstram a condição existencial do ser humano, suas ansiedades, inquietações, angústias e sofrimentos. Esses sentimentos e experiências caminham-se para um fim iminente – a morte.

Percebe-se também que as crônicas de Caio Fernando, nessa obra, revelam os milagres que o autor anuncia, vive e espera da vida, como também tantos mistérios que são descobertos no seu cotidiano, que permite-lhe compreender a vida, o amor e a morte.

2.1 – As revelações contidas nas três cartas de Caio Fernando Abreu

Segundo Moriconi (2002) as cartas de Caio Fernando Abreu revelam não apenas seu sentimento em relação à outra pessoa, mas essencialmente o que ele

⁴ Jornal brasileiro com fundação em 1875 em São Paulo/SP, tendo como base ideológica os ideais republicanos.

⁵ Editado em Porto Alegre, é um dos maiores jornais de circulação no Brasil, fundado em 1964 pelo jornalista Ary de Carvalho.

mesmo era. Torna-se abundante em seus escritos os mais diversos sentimentos que traduzem a personalidade de um escritor que vive a frenética experiência da vida, da dor, do medo e da morte.

Como se sabe, Epifania é uma expressão religiosa que quer dizer revelação. Essa expressão evidencia que as cartas são essencialmente a revelação do pensamento e do sentimento de Caio Fernando Abreu. Interessante que para a cultura oriental e mesmo ocidental o termo epifania está relacionada a vida. Na Igreja Católica a Epifania do Senhor Deus, o nascimento, vida. Em outras celebrações há momentos epifânicos de passagens, trazendo um caráter positivo de seu significado. Portanto, nessa epifania encontra-se um homem romântico, delicado, visceral, impiedoso, engraçado, irônico e apaixonado que vive o dia a dia como um presente divino, como retrata o texto que segue.

Atrás das janelas, retomo esse momento de mel e sangue que Deus colocou tão rápido, e com tanta delicadeza, frente aos meus olhos há tanto tempo incapazes de ver: uma possibilidade de amor. Curvo a cabeça, agradecido. E se estendo a mão, no meio da poeira de dentro de mim, posso tocar também em outra coisa. Essa pequena epifania. Com corpo e face. Que reponho devagar, traço a traço, quando estou só e tenho medo. Sorrio, então. E quase paro de sentir fome (ABREU, 2014, p.17).

Busca-se ao analisar essa obra, descrever a experiência de Caio durante o período de vida, onde ocorrem diversas manifestações, revelações e aberturas para a realidade que ele vivencia como pessoa. Assim, pode-se compreender que as crônicas que compõem a obra *Pequenas Epifanias* é uma mistura de diferentes sabores, como retrata o pensamento dos autores analisados nesse capítulo. O livro reúne crônicas que são datadas de 1986 a 1995 compreendendo um período delicado da vida do autor, onde travava uma árdua luta contra a AIDS que acabou vencendo-o em 1996. Essas crônicas enunciadas como epifanias são manifestações de Caio que por meio de cartas comunica-se com diversos amigos, discorrendo sobre vários assuntos, especialmente sobre questões ligadas a vida, a morte, a paixão e a doença.

Passos (2010) em seu artigo intitulado “Caio de Abreu – cartas descobertas: da memória adormecida à leitura genética”, menciona o caráter literário das cartas de Caio, salientando que elas carregam um simbolismo que atende tanto a questões informais, formais e sentimentais, fazendo um percurso que transita entre um caráter informativo e formativo, como pode ser observado no texto a seguir.

Nessas cartas há, evidentemente, uma parte sempre informativa, sobre o local, a ocupação, os projetos, o trabalho, etc. É a escritura desse

narratio¹¹ que confere literalidade à produção epistolar de Caio F. e justifica a edição e a publicação de sua correspondência. Nesta, os dados profícuos para o geneticista fazem referência a eventos envolvendo a própria obra, como lançamentos, trabalho que está sendo desenvolvido, comentários autorreflexivos, entre outros (PASSOS, 2010, p. 39).

Silva (2008) em seu artigo “Pequenas Epifanias: Argumentação em crônicas de Caio Fernando Abreu” sinaliza que Caio Fernando de Abreu, por meio da obra *Pequenas Epifanias* desenvolve uma narrativa literária que revela a essência contida no pensamento e na experiência do autor, que procura por meio de suas crônicas evidenciar a manifestação de algo positivo e divino, como sugere o próprio título da obra, como mostra o fragmento a seguir.

Tal narrativa, desenvolvida na enunciação e, portanto, pertencente ao nível do discurso, funciona como um programa de manipulação desenvolvido na linguagem da crônica – uma linguagem sempre no limite entre o literário e o jornalístico –, no qual um destinador – constituído de vários desdobramentos figurativos – cria mecanismos de persuasão dirigidos a um destinatário leitor. Ao fazer persuasivo do destinador /enunciador corresponde o fazer interpretativo do destinatário/enunciatário que deverá romper com os valores ideológicos das formações discursivas tradicionais e conservadoras. (SILVA 2008, p.01).

Nesse contexto, Caio Fernando Abreu rompe com uma linguagem cética, estrita e restrita. Ele, por meio de suas crônicas, permite ao leitor identificar-se na narração; mergulhar em um mundo real e simbólico e degustar sabores que revelam as dimensões figurativas da linguagem objetiva e subjetiva que ele usa em seus escritos.

Em outra passagem, observamos que Caio permite ao leitor, envolver-se em seus escritos, encontrando a si próprio nas palavras do autor, que confessa e revela a própria vida.

Na realidade, todos os textos analisados são atravessados por um tom confessional. O critério, assim, passa não mais a apontar para diferenças na criação de efeitos de sentido, mas, ao contrário, passa a mostrar que um mesmo efeito de sentido perpassa todos os textos, em meio à variedade de projeções de vozes que os constituem discursivamente. (SILVA 2009, p. 01).

Percebe-se a riqueza textual e literária de Caio Fernando em suas crônicas, que tem um sentido transcendental à própria literatura, possibilitando ao leitor deleitar em seus depoimentos e revelações da própria vida, que por sinal, retrata a vida de muita gente.

Silva (2008) em outra passagem descreve o significado mais contundente das crônicas de Caio ao dizer:

As crônicas de Caio Fernando possuem uma inovação na forma: a presença

de um lead, que – tal como o jornalístico – tem a função de estabelecer o primeiro contato entre o cronista e o leitor. (SILVA, 2008, p. 01).

Essa relação que Caio estabelece com o seu leitor é que faz todo o diferencial de seu trabalho, pois a leitura é envolvente, interativa e possui um cunho pertinente do aspecto afetivo e emocional de quem lê. Essa dimensão é muito relevante na construção literária das crônicas de Caio.

No jornal, a crônica manifesta-se como acontecimento estético e rompe com o objeto cotidiano veiculado neste – a notícia – e, utilizando-se deste mesmo objeto, resignifica o mundo. As crônicas analisadas oscilam entre o literário e o coloquial, distanciando-se dos textos – quase sempre – apologéticos do colonismo jornalístico. Nelas, atestamos que a busca da verdade e a fragmentação do sujeito manifesta-se na heterogeneidade discursiva contida em cada discurso. A heterogeneidade é concebida como um fluxo de identidades contextualizadas. O múltiplo, o plural e o excêntrico marcam a fragmentação do sujeito e a sua constituição heterogênea. (SILVA 2008, p. 02).

Nesse sentido, as crônicas presentes em *Pequenas Epifanias*, de Caio deslumbram-se em um mundo comum e incomum para seus leitores. E por descrever os fatos mais cotidianos e mais profundos da vida humana, se torna a essencialidade de quem lê e que por algum motivo, identifica-se, se sente e se condensa no que o autor escreve e descreve. Em outro fragmento, Silva define as crônicas de Caio afirmando que:

A crônica veicula um discurso dialógico que simula o mundo real e que considera a interação entre um eu e um outro. Observamos que, no discurso enunciativo, o eu delinea o outro enquanto que, no discurso enuncivo, o outro revela a presença do eu. E, assim como a pluralidade constitutiva do sujeito, a pluralidade discursiva se perpetua (SILVA 2008, p. 02).

A partir desse trecho é possível compreender o sentido literário de Caio que entrelaça sua expressão, dando sentido, forma e desempenho para seus escritos. Para compreender de forma mais objetiva esse aspecto literário de Caio, o texto a seguir faz-se necessário.

Os vários discursos literários aqui projetados nas vozes autorizadas indicam que tais discursos constituem o discurso do enunciador Caio Fernando. Ao projetar tais vozes, Caio Fernando qualifica-se para ocupar o lugar do literário. Por ser conhecedor do discurso literário e por ser qualificado para utilizá-lo, Caio Fernando merece um lugar na Literatura. Será o fazer literário de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e outros tantos, apropriado por Caio Fernando Abreu, que construirá, nas crônicas analisadas, o objeto-valor /linguagem literária/, objeto oferecido ao enunciatário não como meio de expressão de outros valores, mas como um objeto valor em si mesmo, como uma possibilidade de construir uma atitude estética diante dos acontecimentos cotidianos (SILVA 2008, p. 02).

Caio Fernando tem o dom de mesclar o cotidiano com a estética literária, poética e transcendental. Esses fatores em seus escritos tornam as crônicas mais pertinentes, atraentes e próximas de seus leitores.

No transcurso de suas crônicas, Caio transita em diversos e diferentes assuntos, construindo cenários do tempo em que viveu, do que sonhou, do que foi apenas ilusão e do que levará para além da vida terrena. O seu estilo humano, místico, misterioso e objetivo se mesclava em descritos que revelam seus sentimentos, suas esperanças e desesperos.

E nesse cenário de vivências múltiplas e de sentimentos compartilhados, Caio se revela e revela ao mundo o que é, o que sente e, principalmente, o que deseja perpetuar em seus amigos, leitores e amantes da literatura. Uma literatura que perfaz a vida das pessoas.

Por essa razão, não tem como escrever sobre Caio, sem se emocionar, sem desfrutar do místico, do afetivo, da consciência crítica e do encantamento pelas pessoas, por Deus e pelo o universo com todas suas criaturas. Caio retrata em sua vida e em seus escritos a harmonia furiosa da relação cósmica com tudo. O texto a seguir retrata esse aspecto de Caio Fernando Abreu.

Por trás do que acontecia, eu redescobria magias sem susto algum. E de repente me sentia protegido, você sabe como: a vida toda, esses pedacinhos desconexos se armavam de outro jeito, fazendo sentido. Nada de mau me aconteceria, tinha certeza, enquanto estivesse dentro do campo magnético daquela outra pessoa. Os olhos da outra pessoa me olhavam e me reconheciam como outra pessoa, e suavemente faziam perguntas, investigavam terrenos: ah você não come açúcar, ah você não bebe uísque, ah você é do signo de Libra. Traçando esboços, os dois. Tateando traços difusos, vagas promessas (ABREU, 2014 p.16).

Nesse fragmento é possível perceber o quão real e estreita é a relação de Caio com a pessoa humana. Um entrelaçar de olhares pode significar para o escritor um momento de aprisionamento ou de libertação. Ele encontra nas palavras e nas situações do cotidiano, a extraordinária experiência que pode transformar toda a vida, em um momento único da existência humana. É uma relação do que é o ser humano, de como se sente e como se encontra no olhar de outra pessoa. Essa sensibilidade é muito percebível em Caio, principalmente em suas cartas.

O trecho dessa carta publicada em 1986 revela o sentimento de Caio frente à percepção de uma pessoa que o olha com a ternura e a curiosidade de quem contempla alguém que lhe significa muito.

Era isso — aquela outra vida, inesperadamente misturada à minha, olhando

a minha opaca vida com os mesmos olhos atentos com que eu a olhava: uma pequena epifania. Em seguida vieram o tempo, a distância, a poeira soprando. Mas eu trouxe de lá a memória de qualquer coisa macia que tem me alimentado nestes dias seguintes de ausência e fome. Sobretudo à noite, aos domingos. Recuperei um jeito de fumar olhando para trás das janelas, vendo o que ninguém veria (ABREU, 2014 p.17).

Na carta “Em memória de Lilian” Caio revela seus sentimentos frente à beleza e a nobreza de uma pessoa que lhe é muito cara. Ele descreve Lilian com meia rainha, uma pessoa feita de sentidos e sentimentos que deixa em Caio a experiência e a vivência do que é lindo, real e imortal, assim, ele compreende a morte.

Somos todos imortais. Teoricamente imortais claro. Hipocritamente imortais. Porque nunca consideramos a morte como uma possibilidade cotidiana, feito perder a hora no trabalho ou cortar-se fazendo a barba, por exemplo. Na nossa cabeça, a morte não acontece como pode acontecer de eu discar um número telefônico e, ao invés de alguém atender, dar sinal de ocupado. A morte, fantasticamente, deveria ser precedida de certo “clima”, certa “preparação”. Certa “grandeza” (ABREU, 2014 p.18).

No entanto, na mesma carta, Caio revela certa indignação e inconformidade com a surpresa que a morte carrega.

Deve ser por isso que fico (ficamos todos, acho) tão abalado quando, sem nenhuma preparação, ela acontece de repente. E então o espanto e o desamparo, a incompreensão também, invadem a suposta ordem inabalável do arrumado (e por isso mesmo “eterno”) cotidiano. A morte de alguém conhecido ou/e amado estupra essa precária arrumação, essa falsa eternidade. A morte e o amor. Porque o amor, como a morte, também existe — e da mesma forma dissimulada. Por trás, inaparente. Mas tão poderoso que, da mesma forma que a morte — pois o amor também é uma espécie de morte (a morte da solidão, a morte do ego trancado, indivisível, furiosa e egoisticamente incomunicável) —, nos desarma. O acontecer do amor e da morte desmascaram nossa patética fragilidade (ABREU, 2014, p. 18).

Observa-se que Caio vive a mistura de muitos sentimentos, que o envolve simultaneamente nas mais variadas situações de seu cotidiano. Ele demonstra um grande carinho, preocupação e estima por seus amigos e busca mantê-los próximos a si; e faz isso através das cartas e conversas.

Para o autor, a morte e o amor são duas realidades que caminham juntas e apresentam sentimentos tão forte que pode desarmar, fragilizar e desequilibrar o ser humano.

Em 15 de julho de 1986, o Jornal O Estado de São Paulo publicou a crônica de Caio, denominada “Deus é naja”. Nela o autor descreve sua convivência com o amigo Dark que tem o poder de fazer Caio rir. O humor e a risada são duas armas que Caio usa para superar as dificuldades e as frustrações da vida. Ele, ao final da crônica,

interage como leitor, questionando-o sobre o seu sentimento e fazendo-lhe o convite para sorrir e buscar constantemente o seu humor, como mostra o texto a seguir.

O mais dark dos meus amigos tem esse poder, esse condão. E isso que ele anda numa fase problemática. Problemas darks, evidentemente. Naja ou não, Deus (ou o Diabo?) guarde sua capacidade de rir descontroladamente de tudo. Eu às vezes, só às vezes, também consigo. Ultimamente, quase não. Porque também me acontece — como pode estar acontecendo a você que quem sabe me lê agora — de achar que tudo isso talvez não tenha a menor graça. Pode ser: Deus é naja, nunca esqueça, baby (ABREU, 2014, p. 26).

Analisando esse trecho da crônica de Caio, é possível perceber que em seus escritos, o autor vive constantemente as angústias de diferentes intensidades e provocadas por diferentes causas; como nesse caso, ele fala da tristeza que quase não o deixa rir. No entanto, é na amizade e nos encontros de amigos que ele redescobre o seu humor e sua capacidade de superar os problemas.

Em sua crônica “Zero Grau de Libra” Caio fala de sua preocupação social, seu interesse nas questões políticas e conclama Deus para ajudar ele e as pessoas a terem olhos diferenciados para ver a realidade, principalmente a que lhe rodeia – São Paulo.

Neste zero grau de Libra, queria pedir a isso que chamamos Deus um olho bom sobre o planeta Terra, e especialmente sobre a cidade de São Paulo. Um olho quente sobre o mendigo gelado que acabei de ver sob a marquise do cine Majestic; um olho generoso para a noiva radiosa mais acima. Eu queria hoje o olho bom de Deus derramado sobre as loiras oxigenadas, falsíssimas, o olho cúmplice de Deus sobre as joias douradas, as cores vibrantes. O olho piedoso de Deus para esses casais que, aos fins de semana, comem pizza com fanta e guaraná pelos restaurantes, e mal se olham enquanto falam coisas como “você acha que eu devia ter dado o telefone da Catarina à Eliete?” — e o outro grunhe em resposta. Deus, põe teu olho amoroso sobre todos os que já tiveram um amor sem nojo nem medo, e de alguma forma insana esperam a volta dele: que os telefones toquem, que as cartas finalmente cheguem. Derrama teu olho amável sobre as criancinhas demônias criadas em edifícios, brincando aos berros em playgrounds de cimento. Ilumina o cotidiano dos funcionários públicos ou daqueles que, como funcionários públicos, cruzam-se em corredores sem ao menos se verem — nesses lugares onde um outro ser humano vai-se tornando aos poucos tão humano quanto uma mesa. (ABREU, 2014, p. 30).

Na verdade, Caio faz uma oração pedindo a Deus que interfira na vida das pessoas, concedendo-lhes bençãos e condições para ver a vida e se tornarem cada vez mais humanos e humanizadores.

Outra revelação contundente que fala da própria realidade de Caio está contida nas entrelinhas da crônica “A mais justa das Saias”, onde o autor se depara frente a frente com o vírus da HIV. Descobre que o vírus é real e mata pessoas concretas. Matou pessoas que ele conhecia, encontrava e convivia. Então o autor se encontra na própria crônica. Ele diz:

A primeira vez que ouvi falar em AIDS foi quando Markito morreu. Eu estava na salinha de TV do velho Hotel Santa Teresa, no Rio, assistindo ao Jornal Nacional. “Não é possível” — pensei — “Uma espécie de vírus de direita, e moralista, que só ataca aos homossexuais?” Não, não era possível. Porque homossexualidade existe desde a Idade da Pedra. Ou desde que existe a sexualidade — isto é: desde que existe o ser humano. Está na Bíblia, em Jônatas e Davi (“... a alma de Jônatas apegou-se à alma de Davi e Jônatas o amou como a si mesmo” — 1 Samuel, 18), nos gregos, nos índios, em toda a história da humanidade. Por que só agora “Deus” ou a “Natureza” teriam decidido puni-los? (ABREU, 2014, p. 42).

Nesse trecho é possível sentir certo desespero de Caio ao questionar a relação da AIDS com a homossexualidade e declara não compreender tal punição, já que homossexualidade existiu desde o começo da história.

Em outro trecho, ele conclama para que não se perca a capacidade de amar, de ser afetivo e de se envolver com o outro, por causa da AIDS.

Você gostaria de viver num mundo de zumbis? Eu, decididamente, não. Então pela nossa própria sobrevivência afetiva — com carinho, com cuidado, com um sentimento de dignidade — ô gente, vamos continuar namorando. Era tão bom, não era? (ABREU, 2014, p. 43).

De fato, Caio é envolvente e seus escritos coloca o leitor em contato direto com o autor e com a obra e a vontade é ir além, analisar, pensar e deliciar-se com cada crônica que fala da vida, de Deus, de gente, do íntimo do ser humano.

As crônicas analisadas subsidiaram satisfatoriamente o objeto da pesquisa, pois ofereceram fundamentos para compreender e perceber as relações que estão contidas nas crônicas. Essas revelações falam da própria vida do autor, de seus sentidos e de suas buscas interiores, como também de seu anseio em compreender Deus, a política, os homens, a natureza e a si mesmo.

Seus escritos são também grandes descobertas e revelações de seus dramas pessoais, compartilhados com os amigos e com os leitores. Mas essa questão será discutida no item que segue.

2.2 – Seus escritos, descobertas e dramas pessoais.

A essa altura da pesquisa já está muito claro que Caio Fernando Abreu foi um grande literário, escritor, pensador e poeta e soube aplicar essas habilidades na própria vida, tornando-se essa figura emblemática e frenética ao mesmo tempo.

Analisar seus escritos para compreender as entrelinhas de suas palavras é algo que exige cuidado, atenção e extrema habilidade e demanda tempo e conhecimento contextualizado. Por conta disso, esse item se limita a tecer alguns

comentários sobre os escritos de Caio, apontando fatores explícitos apenas, para não cometer equívocos, já que seus escritos são construídos de forma objetiva, subjetiva e bastante complexa.

Dip (2009) descreve Caio como aquele que vive intensamente e mistura seus sentimentos de ódio, amor, prazer e frustrações construindo um novo sentido para a vida. Assim, ele encanta os outros, ele vive e morre com a mesma intensidade.

Dip (2009) ainda destaca em seu livro as diferentes fases e situações em que o escritor viveu. Desde tempos áureos até os momentos mais críticos. No entanto, em todos esses momentos, percebe-se um Caio lúcido, crítico e reconstruído a partir de suas próprias dores e frustrações.

Nesse contexto, os escritos de Caio se tornam essenciais para ele mesmo e para seus leitores que podem encontrar não apenas um literário, mas um ser humano que ao compartilhar suas experiências e pensamentos, contribui para que as pessoas reflitam sobre a vida, pois ele se revela em todas as dimensões, como retrata o texto a seguir.

Como não bastasse estar na mira da polícia, Caio tinha quase 20 anos, e sua voz ainda não havia engrossado. Todos já tinham voz grossa, menos ele. Precisava fazer um tratamento, mas não podia se dar ao luxo de pagar um fonoaudiólogo. Vivia calado morria de vergonha. Ficou com fama de antipático e, miséria pouca é bobagem, agora também era procurado pelo pessoal do DOPS. A barra estava pesada (DIP, 2009, p. 127).

No entanto, seus escritos também revelam que sempre houve quem pudesse ajudar Caio.

Decidiu se refugiar no sítio Casa do Sol, em Campinas, da escritora Hilda Hilst, que conhecera por intermédio de Ana Lúcia Vasconcelos, amiga campineira, com quem trabalhou na Veja. O período em que esteve na Casa do Sol e a convivência com Hilda foram fundamentais para a formação do autor. Caio falava dessa estada como algo decisivo em sua vida. Hilda lhe abriu o mundo da literatura povoado por Rilke, Thomas Mann e Tolstoi. (DIP, 2009, p. 127).

Em meio a esse turbilhão de coisas que aconteciam em sua vida, Caio encontrou prazer em conversar e produzir pensamento sobre questões místicas que estão além da efemeridade da condição humana. E foi com Hilda Hilst, na casa do Sol que esse espírito ascendeu em Caio.

Ele era uma espécie de secretário da escritora e, à noite, ambos davam vazão, com seriedade e humor, à veia mística que compartilhavam, que incluía desde conversas sobre visões e visitas de mortos até a manifestação do espírito de Federico García Lorca no corpo de Caio Fernando, passando por leituras sobre assuntos esotéricos, astrologia, misticismo e pela indispensável brincadeira do copo. (DIP, 2009, p. 127).

Segundo Dip (2009) foi um tempo de muita conturbação para Caio, como ele mesmo descreve em seus diários. Falando sobre os dramas pessoais de Caio Fernando Abreu, Dip (2009) escreve um relato de Hilda, confessando sua preocupação com Caio, pois ele tendia muito à depressão.

Nós fomos bem amigos. Caio Fernando viveu aqui por cerca de um ano. Nessa época ele era muito jovem e tinha enorme tendência à depressão. Ele pensava muito em suicídio. Apavorada, eu sempre revistava o quarto dele, retirando de lá qualquer coisa que se assemelhasse a uma arma (DIP, 2009, p. 130).

Nesse trecho é possível verificar que Caio vivenciava grandes e perturbados problemas pessoais, deixando muitas vezes de encontrar sentido em seu próprio existir. Talvez, essa situação permite compreender a sua busca constante por experiências que o colocava em situações energéticas, frenéticas e de certa forma alucinantes, pois é nesse cenário que ele se refaz.

Em outra passagem, Silva (2008) descreve o sentido das crônicas de Caio, enfatizando seu percurso literário entre o mundo pessoal e social do escritor.

Ao tratar de assuntos aparentemente banais e corriqueiros do cotidiano, o enunciatário /cronista/ cria um efeito de sentido de um bate-papo informal: cria-se a ilusão de que enunciatário e enunciatário estão frente-a-frente numa conversa amigável “num bar qualquer, numa esquina da vida”. É nesse misto de ilusão discursiva de banalidade e de cumplicidade que o enunciatário irá polemizar o “estar no mundo” e suas relações. Através da banalidade de “dois ou três almoços, uns silêncios”, o enunciatário tenta mascarar as necessidades de redescobrir “magias sem susto”, as aprendizagens do querer, as experiências do “outro rosto”, as delícias da “pequena epifania” e os desprazeres de estar no mundo (SILVA, 2008, p. 05).

Analisando as *Pequenas Epifanias* é possível perceber como Caio desdenha de seus dramas pessoais misturando-os com os sentimentos mais nobres da vida, como a amizade, o amor e a alegria. Os encontros ocorridos entre amigos fazem dele um homem crítico, descontraído e pleno, ao mesmo tempo em que interiormente ele prova o mais amargo gosto dos desprazeres.

A crônica denominada “Uma fábula chatinha” contida na obra *Pequenas Epifanias* mostra um espírito deprimente de Caio, que não consegue se contagiar com a alegria e o entusiasmo das pessoas, mas que vê em todas as situações a presença cabal da morte. A morte como fim para tudo. No entanto, esse espírito se contradiz com a frenética vontade de viver, pois quando a morte chega perto, ele sai correndo sem olhar para trás, como mostra o texto a seguir.

A tarde quase já tinha virado noite, quando um vulto encapuzado veio se aproximando. Ele precisou apertar os olhos para ver melhor. Mesmo assim, não via direito a cara do vulto que se aproximava cada vez mais, até parar bem na frente dele.

— Quem é você?

— o homem perguntou. A figura afastou o capuz, mostrou os dentes arreganhados e disse:

— Sou a Morte. Posso sentar ao seu lado? O homem deu um pulo.

— Não

— ele disse.

— Já está ficando tarde e eu ainda tenho muito o que fazer. Virou as costas e saiu correndo, sem olhar para trás (ABREU, 2014, p.45).

Nesse trecho é claro o sentimento de Caio frente aos seus dramas pessoais, no entanto é claro também seu desejo de viver. Ele vive a dicotomia entre a dor e o prazer, a vida e a morte.

A partir de tudo que foi estudado, analisado e compreendido da vida de Caio, percebe-se que seus escritos eram a porta de saída para muitos problemas, sua válvula de escape para driblar a loucura insana que viveu e que nesse universo da literatura, ele descobre e redescobre os mais diferentes sabores da vida.

Sua trajetória como pessoa, literário, escritor e poeta permitiu que fizesse constantes descobertas de si mesmo, do mundo e de tudo que o rodeava. Essas descobertas foram fundamentais para se completar como pessoa, revelando a todos que viver é essencialmente, experimentar e degustar todos os sabores e às vezes, ao mesmo tempo.

Nota-se que seus dramas pessoais arrancaram-lhe vitalidades, confortos, paciência e paz, no entanto, foi a partir desses dramas que ele se reconstrói a cada dia, a cada tempo a cada experiência.

As frustrações, a dores e o desespero não findaram sua ânsia de viver e viver para ele era essencialmente, escrever. Por isso ao descobrir que era portador do vírus da morte – HIV encontrou sentido na escrita. Escrever passou a ser sua forma de prolongar a vida, tornando-se agora, uma ideia: Caio Fernando Abreu.

CAPÍTULO III

O LEGADO DE CAIO FERNANDO ABREU

O presente capítulo discorre sobre a relação estabelecida por Caio Fernando Abreu entre o vírus do HIV/AIDS e seus escritos, permitindo compreender que é na literatura, por meio das crônicas, que o escritor encontra razões para enfrentar a doença.

3.1 – As crônicas de Caio de Abreu: análise das Pequenas Epifanias

Nesse item fez-se a abordagem sobre as crônicas de Caio Fernando, por meio da análise da obra *Pequenas Epifanias*. As crônicas de autoria de Caio Fernando.

Caio apresenta uma coletânea de cartas endereçadas a amigos, familiares e pessoas com quem tinha alguma forma de contato. É uma obra escrita, reúne 188 páginas, produzidas entre os anos de 1986 a 1995, publicadas no jornal Estado de S. Paulo e no Zero Hora – um jornal gaúcho.

As crônicas têm sua divisão metodológica, permitindo ao leitor identificar o seu início e seu fim, como também saber qual assunto será tratado na crônica.

De uma forma geral as crônicas apresentam relevante carga emocional, sentimental e poética, repletas de metáforas e melancolias. Esses sentimentos mostram a relação do autor com seus amigos. O simbolismo que as crônicas trazem, provoca o envolvimento do leitor, de forma ativa, de sentido e identidade. É possível se ver na situação descrita por Caio Fernando Abreu em suas crônicas.

Como enfatiza Abreu (2014) as crônicas são uma manifestação epifânica do que o autor sente, pensa e expressa aos seus amigos. Elas retratam o sentimento e a experiência vivenciada em cada momento de sua vida.

Nesse sentido, é possível pensar que as crônicas são literaturas da vida, retratos da vivência cotidiana e humana que pode se tornar uma identidade para qualquer pessoa que vive, pensa e sente.

O fator literário das crônicas favorece a compreensão da vida e de seus dramas, principalmente quando Caio fala de sua própria vida, sua doença, seus medos e sua esperança da vida além da morte.

Abreu (2014) retrata em suas crônicas um gênero literário atemporal,

embora esteja condensado em um período de tempo, elas não perdem o sentido com o tempo, pois falam da vida e do sentimento, tratam de assuntos globais que podem ser abstratos ou concretos.

O grande legado de Caio é levar o seu leitor a um estado de instigação, de reflexão e pensamento sobre a vida, sua banalidade, importância e sentido. Esses fatores são relevantes nas crônicas que permitem ao leitor se encontrar nelas, independente de tempo cronológico ou de situação e vivências.

Outro aspecto de suas crônicas que proporciona ao leitor uma apaixonante leitura é o fato de Caio se expor, não esconder sua condição como pessoa humana, sua homossexualidade e sua doença – a AIDS contraída no ano de 1994. Ele aborda esses temas com tamanha lucidez, embora não tanto sereno, que possibilita aos seus leitores compreender a condição do autor de forma quase real, como descreve em suas crônicas denominadas “carta para além do muro”.

O diferencial de Caio é como ele escreve sobre si. Os detalhes que apontam em suas crônicas mostram sua vida de forma clara. E isso é surpreendente na literatura de Caio, que ao invés de desvincular sua vida de suas obras literárias, ele faz de si, o próprio assunto, traçando sua autobiografia de forma apaixonante e extasiante ao mesmo tempo, principalmente quando fala da condição existencial do ser humano e da trajetória iminente da vida – a morte.

Outro assunto bastante presente em suas crônicas é o amor e a solidão. O autor retrata esses sentimentos abrindo-se para seus leitores por meio das crônicas. Anotações insensatas, verdade interior, pálpebras de neblina, por trás da vidraça, na terra do coração, cartas anônimas e existe sempre alguma coisa ausente. Essa coletânea de crônicas embasa a literatura de Caio sobre o amor que nem sempre é correspondido e pela solidão que assola a vida dos que são desprezados.

Outro fator interessante nas crônicas de Caio é o fato dele mencionar outros autores em suas cartas, como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Fernando Pessoa, Nelson Rodrigues e Lygia Fagundes Telles. Esses autores permeiam a literatura de Caio que com certa frequência são lembrados em suas cartas.

Em suma, a obra *Pequenas Epifanias* é um livro para ser digerido devagar, onde o leitor possa experimentar e tragar o sabor de cada crônica, refletindo sobre seu significado e seu simbolismo de antes e de agora.

Pequenas Epifanias é uma leitura leve que transporta o leitor à profundidade da própria existência humana, convidando-o a refletir sobre a vida do cotidiano, do

presente e do futuro.

3.2 – AIDS e sua inspiração de escrever.

Dip (2009) relata as muitas andanças de Caio pela Europa, seus sonhos, amigos, amores, descobertas que faz em cada percurso traçado em sua vida. Depois de uma temporada na Europa, Caio volta para o Brasil. É nesse momento que uma amiga ao visualizá-lo diferente, doente, comenta sobre sua impressão do escritor, como retrata o texto a seguir.

Foi visitar a amiga Magliani em Minas e, na ocasião, ela desconfiou que Caio estivesse doente, já contaminado pelo vírus da AIDS. Viu-o magro demais, lutando contra pequenas infecções oportunistas. Puxou assunto, tentou abrir o jogo, mas ele não quis saber de conversar (DIP, 2009, p. 367).

Dip (2009) continua seu relato dizendo que em outro momento, a amiga de Caio voltou a tocar no assunto, mas ele não quis falar. Então, ela supôs que ele já soubesse que estava contaminado com o vírus da AIDS, mas não queria pensar nisso.

Em seus relatos, Dip (2009) volta a dizer que Caio sente-se doente, enfraquecido, mas continua sua vida de trabalho, de escrever. Ele talvez ainda não acreditasse estar com AIDS e, por isso, julga desnecessário fazer o teste, supõe a autora.

Como menciona Dip (2009) na redação da revista todos desconfiavam de que Caio estivesse doente de AIDS e como essa doença era ainda desconhecida, temiam um contágio. Assim, evitavam Caio, fazendo-o sentir-se ainda pior, rejeitado e discriminado. Essa situação tornou-se insuportável para ele, que pediu demissão e foi trabalhar em outro lugar.

Deu palestras em várias cidades, fez oficinas de literatura, foi um professor paciente e dedicado. Caio adorava estimular o dom da escrita nos jovens, mas reclamava em *off* que a maioria de seus alunos (e dos brasileiros) não sabia escrever. “Ninguém lê, Paula, somos um povo de analfabetos”, sofria (DIP, 2009, p. 367).

No fragmento anterior, é possível verificar o quanto Caio se dedicava à escrita, uma escrita que deveria transcender a todos. Escrever para ele, era a forma mais completa de viver a liberdade.

Dip traz relatos contundentes de como Caio tinha inspiração para escrever, quando relata o depoimento de Toninho, um amigo de Caio que diz: “a favor do Caio eu tenho a dizer que ele respeitava profundamente a literatura”. Não só

respeitava como amava escrever e queria que todos seus amigos também escrevessem, com a mesma intensidade que ele.

Mendes (1998) descreve em seu artigo “Linda, uma história horrível: A literatura encontra o vírus da AIDS” a presença da doença, considerada peste na vida de muitos literários, brasileiros e estrangeiros. Ele salienta que essa doença encontrou a literatura e foi dando novos significados para a vida de muitos escritores, entre eles Caio Fernando Abreu, que não foi apenas o portador do vírus, mas discutiu o assunto em seus trabalhos como escritor e roteirista.

Além de tornar a AIDS manifesta em vários textos seus, Abreu é o tradutor brasileiro do conto. Assim vivemos agora, uma das ficções mundiais pioneiras na abordagem da doença, publicada pela norte-americana Susan Sontag, em 1986 (MENDES, 1998, p. 218).

Antes, porém, Bessa aborda a questão da AIDS ao afirmar que :

No Brasil (...) a AIDS surgiu na literatura (...) na novela "Pela noite", de Caio Fernando Abreu. A doença como tema, porém - ou, pelo menos, a tentativa de inscrevê-la como tal -, apareceu em 1987, no romance *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*, de Herbert Daniel. Este romance, no entanto, não foi a primeira tentativa de analisar a epidemia de HIV/AIDS. Em 1983 ano do primeiro caso de AIDS diagnosticado no Brasil -, o escritor já publicara um pequeno ensaio sobre a epidemia, no anexo intitulado "A síndrome do preconceito", do livro *Jacarés e lobisomens* (1983), coescrito com Leila Miccolis. Sua incursão na ficção e AIDS se dá, porém com *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*. (Bessa, 1997, p. 78-79)

O dado que Bessa traz se torna relevante para compreender o percurso da AIDS no Brasil, sua origem e como os literários foram introduzindo essa temática no contexto social da literatura nacional. No entanto, Caio Fernando Abreu oculta a sigla AIDS em seus textos, Bessa retrata essa realidade ao registrar que:

Nos textos de Caio Fernando Abreu que abordam a AIDS, a não nomeação é uma ordem. Em todos eles, a AIDS é subtendida em maior ou menor grau, mas quase nunca a sigla é escrita. As exceções são as duas rápidas vezes em "Pela noite", uma em "Dama da noite" (conto de Os dragões não conhecem o paraíso), e uma em Onde andaré Dulce Veiga? O que praticamente não conta. (Bessa, 1997, p. 81).

Nessa perspectiva, Mendes (1998) faz referência entre a literatura e a AIDS mencionando que ambas podem até caminhar juntas na vida de um escritor, mas que a literatura precisa prevalecer como um antídoto contra o vírus.

Nota-se que Caio buscou em todos os momentos da vida o prazer da escrita e por isso, não se pode dizer que a AIDS inspirou-o a escrever, pois ele já fazia com muita dedicação essa tarefa. Escrever foi um marco que perdurou do início ao fim de

sua vida.

Escrever para Caio era um ato de amor, de consciência e de criticidade, como mostra o texto a seguir.

Ai, que dor: que dor sentida e portuguesa de Fernando Pessoa — muito mais sábio —, que nunca caiu nessas ciladas. Pois como já dizia Drummond, “o amor car(o, a) colega esse não consola nunca de núncaras”. E apesar de tudo eu penso sim, eu digo sim, eu quero Sins (ABREU, 2014, p. 23).

No entanto, o que se constata é que ao descobrir ser portador do vírus HIV Caio adquire mais um problema em sua vida. Agora precisa lidar com o preconceito, com a rejeição, com o medo vindo de fora e de dentro de si. Essa situação talvez tenha colocado o autor em uma situação em que escrever se tornou uma das poucas coisas a fazer de forma mais única e verdadeira.

Na escrita Caio se delira, contemplando os seus amores e amigos. Esse delírio é a revelação do amor e da paixão que vivencia mesmo no momento de dor.

Ela se debruçou sobre mim, tão próxima que consegui ver meu rosto inteiro refletido em suas pupilas dilatadas. Era bonita? Pergunta Alguém-Ninguém, a quem tento contar esta história que nem história seria. Fico aflito, tenho sempre tanto medo que me desviem do que estou tentando desesperadamente organizar para dizer; qualquer atalho poderia me perder, e à minha quase história, para todo o sempre. E nada mais triste que histórias abortadas, arrastando correntes, fantasmas inconsoláveis. Mesmo assim, pacientíssimo, respondi: Não, querido. Era, sim, uma cara de verdade. A de Simone Signoret no final, lembra? A de Irene Papas, Anna Magnani, Fernanda Montenegro. Sem artificios, crua. Adélia Prado, Jeanne Moreau. Uma cara que se conquista e ousa, que a vida traça, impõe e esculpe fundo em lascas e vincos feitos num mapa em relevo. Anouk Aimée, Marguerite Duras, Vanessa Redgrave. Alguém-Ninguém entusiasma-se com o glamour dessas comparações. Cala-se, olho parado divaga em outras imagens, outras divas. Nem ouve mais, eu continuo a contar (ABREU, 2014, p. 137).

São por meio de seus escritos, apontamentos, cartas e crônicas que se encontra o legado deixado por Caio Fernando Abreu. Um legado não apenas literário, mas também de experiências traduzidas em uma vida frenética e intensa, que fez dele um grande literário do país, para muitos, Caio representa um pouco da elite pensante do Brasil.

Em plena vida, em plena e frenética atividade, Caio percebe-se doente. Como narra Dip (2009) no ano de 1994, Caio volta da Europa já sentindo os sintomas de uma doença que o transporta para outra dimensão da vida. Assim, ela retrata esse momento com as seguintes palavras:

Depois de tantas andanças pelo mundo, Caio sentiu que era hora de voltar, cansado e preocupado com uma mancha feia que aparecera em seu rosto:

a hora de enfrentar a verdade tinha chegado. Finalmente ele decidiu fazer o teste de AIDS (DIP, 2009, p.419).

Esse momento decisivo da vida de Caio retrata um caminho antes percorrido de insegurança e medo que o fizera prolongar até o momento, o teste da AIDS. Mas, com a ajuda de uma amiga, Graça Medeiros, ele fez o exame, constatando estar com o vírus do HIV.

De acordo com Dip (2009) a partir desse momento, Caio busca refazer-se como homem e como escritor. Os primeiros dias foram mentirosamente calmos, no entanto diante da amiga, Caio teve a lucidez diante de sua real situação e sem saber o que fazer naquele momento, confessa a amiga a sua vontade, como relata o texto a seguir.

Tenho vontade de saltar por essa janela e acabar com isso de uma vez”. Segurei a mão dele, com forma, meu coração disparou. Essa era uma ameaça que ele fazia desde garoto, não era agora que iria cumprir. Mas dava para sentir sua dor, seu pedido de socorro. Ele estava vulnerável, marcado para morrer (DIP, 2009, p.420).

O trecho acima mostra o sentimento de Caio diante da confirmação do teste de HIV e em meio ao desespero, ele encontra nos amigos, uma esperança que o fortalece para seguir a vida.

De acordo com Dip (2009) os dias que antecederam o resultado do teste foram difíceis para Caio e seus amigos. Diante dessa situação, Caio sentindo dores e febre e é internado em São Paulo. Após esse primeiro momento, Caio conta:

Foram 27 dias (de internação), habitados por sustos e anjos – médicos, enfermeiras, amigos, família, sem falar nos próprios (anjos de verdade) – e uma corrente tão forte de amor e energia, que amor e energia brotaram dentro de mim até tornaram-se uma coisa só. O de dentro e o de fora unidos em pura fé. (DIP, 2009, p.421).

Em outra passagem Dip escreve o que Caio diz.

Da janela do meu quarto no hospital Emílio Ribas, na avenida Doutor Arnaldo, em São Paulo, eu via as pessoas caminhando, de bermudas, tomando ônibus, entrando num bar, e eu dizia: meu Deus, que luxo que é viver, que coisa maravilhosa que é poder andar na rua, como a vida é preciosa e frágil. E começou a me dar uma pena da condição humana, e eu enviava amor para as pessoas que via pela janela, enviava amor e comecei a receber amor de volta, como um jogo de tênis. (DIP, 2009, p.421).

Nesse trecho é possível perceber a tomada de consciência de Caio e como ele, em meio ao sofrimento, percebe a grandeza da vida e a luxúria de viver. No entanto, a vida de Caio toma novos rumos, como por exemplo, a atitude dele em

assumir a doença e buscar conscientizar as pessoas, como relata o texto a seguir.

A exemplo de Cazuzu, que morrera quatro anos antes, Caio assumiu a doença publicamente, em crônicas semanais para os jornais O Estado de S. Paulo e Última Hora. Continuou aceitando convites para comparecer a programas de rádio e TV para conscientizar a todos da importância de se prevenir contra a doença e cuidar de quem já está infectado. (DIP, 2009, p.422).

Caio encontra na escrita uma forma de ajudar as pessoas a se prevenirem e romper com o preconceito com os infectados do vírus HIV, ao dizer que os doentes precisam de cuidados. Dip relata o que Caio falou em relação a sua postura frente à doença.

Não estou aqui para explorar a doença, não quero piedade, quero conscientizar as pessoas. Os soropositivos precisam de energia positiva, de amor, de carinho da família, dos amigos. Isto não tem me faltado. Mas vi no hospital muitos jovens que não podem contar à família que estão doentes, outros contam e são rejeitados, morrem sozinhos, e o pior de tudo: os remédios são caríssimos! Vi gente morrer no hospital porque não tinha mais AZT em Porto Alegre! Precisamos fazer alguma coisa. (DIP, 2009, p.422).

Essa consciência de Caio contribuiu para que se rompessem muitos paradigmas e preconceitos frente a AIDS, ao mesmo tempo em que ajudou na divulgação da doença e na discussão sobre a importância de se prevenir e cuidar-se.

Diante dessa situação, os amigos de Caio ajudavam como podiam, com remédios e com vaquinha para comprar um computador.

Uns ajudavam com remédios, como Graça Medeiros e Marcos Breda. Outros, como Vânia Toledo, Regina Valladares e Celso Curi, organizaram com os amigos uma vaquinha para lhe comprar um computador, sonho antigo, ainda mais agora que ele reclamava da dificuldade de escrever à máquina numa cama de hospital. Outros o ajudaram a comprar dólares para a próxima viagem, pois assim que começou a melhorar já estava pronto para ir à Europa de novo. Em outubro, o Brasil era o país-tema da feira Internacional do Livro de Frankfurt e ele era um dos escritores convidados. (DIP, 2009, p.423).

Nessa passagem é possível perceber a relação que Caio faz entre a doença e a escrita. Mesmo diagnosticado e enfermo, o escritor busca fazer o que mais ama: Escrever. Nessa perspectiva, Caio vai para Alemanha participar da Feira Internacional e lá se destaca participando da mesa redonda ao lado de Chico Buarque, como relata Dip (2009).

Essa experiência ajudou muito Caio a se motivar novamente, principalmente no universo da escrita, pois percebeu que escrever é essencialmente, uma forma de expor suas ideias e atravessar os paradigmas, definindo sua história e a história de

seu país. Assim, relata Dip, ao mencionar Caio.

Ser escritor brasileiro em outro país é uma saia justa que exige muita concentração. Afinal ele não é apenas ele mesmo, mas a encarnação de toda a literatura e do próprio “BRAZIL”, que, acreditem, os alemães amam e querem compreender. Mas como compreender um país maior que a Europa inteira, com tantos contrastes e contradições? (DIP, 2009, p.424).

Em seus escritos, Caio demonstra uma preocupação com o país. A situação política, econômica e social permeia o pensamento do escritor que concretiza a sua ideia em seus escritos. Vendo Caio assim, é possível compreender que ele não é um egoísta, pensando apenas em si, em sua doença e em sua morte; mas consegue olhar para outros, para o povo, para o país e principalmente para os doentes, buscando respostas para tantas inquietações.

Como relata Dip (2009) Caio diante da morte já anunciada, recolhe-se ao aconchego de seu lar em Porto Alegre onde faz a releitura de sua vida, sua história e sua morte. Redescobre-se como um novo homem que mesmo sem querer morrer, se prepara para a morte e nessa, frenética e excitante experiência, se entrega ao que mais amava: escrever.

Em outra passagem, Dip (2009) fala que Caio mesmo estando debilitado não abriu mão de escrever, colocando em prática e no papel ideias e pensamentos que povoavam sua vida, assim, como fez ao escrever sobre um taxista que o transportava, dando-lhe voz em sua obra. Esse taxista chamava-se Mauro Castro e foi relatado por Dip que diz: “Mauro conheceu um Caio já debilitado pelos efeitos da doença, mas não sem o desejo de estimular um novo escritor”.

Diante do testemunho de Mauro, escrito por Dip é possível verificar o poder com que Caio estimulava outros a escrever, como confere o texto.

Eu sempre gostei muito de ler em geral, exemplos de segunda mão, comprados nos sebos do centro da cidade. Tenho poucas lembranças das corridas que fiz para o Caio – o teor dos diálogos não sobreviveu ao passar do tempo -, mas lembro perfeitamente que ele logo notou os livros que eu levava sobre o painel e que provavelmente me tornaram um taxista especial aos olhos do meu ilustre passageiro. Ele gostava de andar no meu táxi e queria sempre saber o que eu estava lendo e, se ele se decepcionou com meus Robin Cooks e Sidney Sheldons, nunca deixou transparecer. Alguns dias depois da morte de Caio, encontrei, num sebo, um exemplar em bom estado de *Morangos Mofados*. O livro habitou o painel do meu táxi por um bom tempo, como farol, clareando o caminho para novas leituras. Desde então, abandonei os best-sellers importados, passei a apreciar o texto mais curto, mais urbano. Uma prosa que tivesse mais a ver comigo, mais próxima, mais íntima. Procurei autores que tivessem um jeito mais, digamos, “Caio Fernando Abreu” de escrever. (DIP, 2009, p.431).

Esse testemunho de Mauro mostra com clareza a importância e o legado de Caio na construção de novos escritores e leitores, e como relata Dip (2009) esse taxista, tornou-se mais tarde cronista, assinando uma coluna semanal de um grande jornal da cidade.

Outro fator importante destacado por Dip (2009) é fato de que a doença da AIDS impulsionou Caio a escrever e escrevendo contribuiu para a formação de leitores que por curiosidade ou amor ao escritor moribundo, tornavam-se leitores efetivos. Muitos desses leitores tornaram também escritores, movidos pela paixão de Caio.

Com alegria e entusiasmo, nas muitas entrevistas que dava, Caio enfatizava o seu papel de escritor, relatando seus livros, seus pensamentos e incentivando as pessoas a lerem e escreverem. A escrita para Caio era um transporte para a liberdade.

Nessa perspectiva, Dip (2009) escreve o que Caio diz, sobre a relação existente entre seus escritos e a AIDS.

Depois de tantas andanças pelo mundo, Caio sentiu que era hora de voltar, Escrevi mais de dez livros, fui traduzido em vários idiomas e nunca tive muito espaço na mídia. Bastou eu avisar que estava com AIDS e todo mundo começou a me pedir entrevistas, de repente fiquei famoso, mas eu não quero ser visto como um doente, um aidético que escreve. Sou um escritor que tem AIDS, uma doença como qualquer outra; eu poderia ter diabetes, câncer, hepatite. A doença do corpo é igual á doença do planeta, tudo está interligado no micro e macrocosmo: se curarmos a Terra, curamos o homem. Precisamos ficar atentos (DIP, 2009, p.434).

Essa passagem mostra Caio confrontando sua vida como escritor e como doente de AIDS. Ele faz ainda, uma reflexão acerca de como a sociedade vê a pessoa e qual o objetivo e interesse que se estabelece diante do que pode se transformar em um fenômeno midiático. Nesse sentido, Caio faz um desabafo, dizendo que sua vida como escritor é muito maior e sublime do que sua vida como aidético.

De acordo com o que Dip (2009) relata, Caio, mesmo vivenciando os terrores da AIDS que consumia seu corpo e sua mente, não aceitava sentimentos de pena. Ele queria ser visto com respeito, com dignidade e como alguém que apesar da doença, podia ainda protagonizar muitas histórias, muitas mudanças de ideias e comportamentos, especialmente em relação ás pessoas portadoras do vírus HIV. Ele se torna um lutador pela dignidade dos aidéticos, principalmente em relação ao seu convívio social e ao acesso aos remédios e tratamentos.

Nesse sentido, Caio trava uma luta a favor da vida dos portadores do vírus e

da AIDS.

Queremos remédios baratos para todos! O AZT é caríssimo. Outro dia acabou o AZT em Porto Alegre. Simplesmente acabou, e pronto. Eu liguei para a Scarlett Moon, que contatou a Lucinha Araújo, mãe do Cazusa, que conseguiu o remédio nos Estados Unidos e o Marcos Breda trouxe para mim. Tudo bem, eu tenho o privilégio de conhecer essas pessoas, mas e quem não tem? Morre? (DIP, 2009, p.438).

Nesse trecho Caio chama atenção para a importância de fornecer de forma acessível e contínua o remédio do tratamento para a AIDS, fazendo um apelo em nome das pessoas que não tem condições que adquirir esse remédio de outra forma que não seja pela saúde pública.

É interessante perceber que os escritos de Caio perduram em tempos atuais, os quais permitem compreender que a situação das pessoas com AIDS teve avanços, principalmente na questão do acesso ao tratamento e ao medicamento; no entanto, embora hoje não seja uma doença tão assombrosa como antes, ainda retrata uma situação de preconceito e discriminação para os portadores do vírus e da AIDS.

Nesse sentido, nota-se a importância dos escritos de Caio estarem relacionados com a AIDS e como essa postura do escritor contribuiu para uma reflexão mais justa e humanizadora da sociedade para com os doentes da AIDS.

Outro fator muito relevante que Dip (2009) ressalta é a postura de Caio em relação aos seus leitores, como retrata o texto a seguir.

Com a mesma lucidez com que avisou à família que estava com AIDS, Caio deu a notícia aos seus leitores na coluna que mantinha no jornal O Estado de S. Paulo. Foram quatro “Carta para além dos muro”: a primeira, em 21 de agosto de 1994. A última, de 24 de dezembro de 1995, fala de seu encontro com a morte. O que pouca gente se lembra é que, em 1971, Caio já havia escrito um conto, publicado pela primeira vez no Suplemento Literário de Minas Gerais, exatamente sobre esse título: “Carta para além do muro”. Ele tinha apenas 23 anos e narrou, numa história de ficção, a solidão de alguém que está internado, isolado entre os muros de um hospital. (DIP, 2009, p.440).

Esse trecho mostra como Caio desprendia-se de um respeito cordial e verdadeiro com seus leitores e como seus escritos desde muito antes, da AIDS estava voltado para uma experiência de dor, sofrimento e solidão.

No entanto, mesmo vivendo a realidade de sua ficção Caio mantém-se aberto e disposto para continuar sua trajetória de escritor, como relata o texto a seguir.

Doente, Caio nunca deixou de enviar, sempre no prazo, suas crônicas para os jornais Estadão e Zero Hora. Disciplinado, vivia com os pais, velhinhos, como se fosse um deles. Ironias da vida: seu cotidiano, que

sempre fora caótico, agora era suave e organizado: levantava cedo, fazia exercícios de ioga, via o sol nascer, cuidava do jardim, fazia o café da manhã e subia para o quarto para escrever, depois de a empregada ter trocado os lençóis suados de uma noite febril. (DIP, 2009, p.450).

Diante de toda a riqueza de informações e experiências trazidas nos escritos de Dip, pode-se afirmar com plena tranquilidade que Caio Fernando Abreu soube, majestosamente, fazer de sua vida (AIDS) um espaço aberto para a produção racional de um pensamento que se torna capaz de superar muitas coisas, inclusive o medo da morte.

A esperança é um dos sentimentos que chama atenção nos escritos de Caio. Ele faz analogias e relações com os eventos e acontecimentos, buscando trazer um olhar transcendente para o seu processo de resiliência.

Amanhã à meia-noite volto a nascer. Você também. Que seja suave, perfumado nosso parto entre ervas na manjedoura. Que sejamos doces com nossa mãe Gaia, que anda morrendo de morte matada por nós. Façamos um brinde a todas as coisas que o Senhor pôs na Terra para nosso deleite e terror. Brindemos à Vida — talvez seja esse o nome daquele cara, e não o que você imaginou. Embora sejam iguais. Sinônimos, indissociáveis. Feliz, feliz Natal. Merecemos (ABREU, 2014, p. 137).

Nesse trecho Caio faz a referência ao Natal, uma epifania como um momento de renascer em comunhão com os cosmos, fazendo ao mesmo tempo um apelo pela vida do planeta e pela evolução do ser humano.

Diante do prenúncio da morte, Caio relata a experiência de dois personagens que dialogam sobre a vida e o tempo.

[Pérsio] Faz muito tempo. – [Santiago] Muito, faz muito tempo. – E de repente eu ia dizer não, não posso, não quero, não devo, estou doente, descobri que estou com AIDS, tenho um compromisso, tentei pular da janela [...] Eu queria dar uma boa, sei lá, troço mais babaca, impressão. Eu queria que você gostasse de mim. Eu estava superchapado, supercheirado. Torto eu estava torto [...] Mas de repente eu já tinha aberto a porta e você disse oi, e eu devia estar um horror, uma cara de Christiane F. antes da desintoxicação, eu disse com aquele olho vermelho, o nariz pingando, aquele bafo de maconha. A pele, a pele, você reparou como estou pálido? (ABREU, 2007, p. 160).

De uma maneira metafórica Caio aborda a AIDS enfatizando a relação afetiva, onde o físico é um fator essencial e a vivência empírica retrata uma realidade própria que se externa para os amigos.

Suponhamos que os dois caras gostem um do outro [...] Suponhamos. Eu já vivi isso. E se realmente gostarem? Se o toque do outro de repente for bom? Bom, a palavra é essa [...] Bons, normais, comuns. Coisa de gente

[...]. E se tudo isso que você acha nojento for exatamente o que chamam de amor? Quando você chega no mais íntimo, mas tão íntimo que de repente a palavra nojo não tem mais sentido. Você também tem cheiros. As pessoas têm cheiros, é natural. Os animais cheiram uns aos outros. No rabo. O que é que você queria? Rendas brancas imaculadas? Será que amor não começa quando nojo, higiene ou qualquer outra dessas palavrinhas burguesas e cristãs não tiver mais nenhum sentido? (ABREU, 2007, p. 178-179).

A relação que esse escritor faz entre seus escritos e a AIDS se tornam um legado literário, capaz de transpor seus leitores a um nível de conhecimento mais elevado e humanizado. Caio deixa muitos legados, desde sua experiência de vida, seu alerta para o cuidado e a prevenção até a sublime responsabilidade que ele incute nas pessoas de amar a escrita. De escrever da vida; de escrever de tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse trabalho pensa-se nas inúmeras experiências vivenciadas ao longo da pesquisa. O encontro com Caio Fernando Abreu, por meio de suas crônicas, trouxe muitas constatações.

A primeira foi o conhecimento mais amplo sobre esse escritor, que durante sua vida se fez escritor, poeta, literário, cronista, amigo, familiar. Falou sobre amor, paixão, solidão, política, economia, doença, sobre si mesmo. Todo esse conhecimento permitiu compreender a grandeza e a fragilidade da vida humana.

O seu legado para a literatura nacional e internacional foi outra constatação muito relevante. Caio escreve freneticamente. É na escrita que ele se encontra e encontra o mundo a sua volta. Escreve de tudo e sobre tudo. É eclético, objetivo, subjetivo, doce e amargo ao mesmo tempo. Sua literatura permite ao leitor um trabalho introspectivo e respectivo simultaneamente, pois o leva a pensar de maneira simbólica e racional sobre todas as coisas. Suas crônicas evidenciam a condição humana no que ela tem de mais nobre e mais fugaz. É escrevendo que Caio desdenha a vida, Deus, o mundo e as pessoas. Seu estilo literário é atemporal e permanece real e atual em todos os momentos, porque o escritor escreve a partir do que lhe é significativo, do que lhe move para a vida, para a luta (pelas questões pessoais, como a doença e pelas questões coletivas como problemas sociais, políticos e econômicos) e para a morte.

Outra constatação feita nessa pesquisa é a forma como Caio assume sua condição humana, desde sua sexualidade até a doença – AIDS que lhe arranca a vida prematuramente. A relação que Caio faz com a AIDS, a vida e a morte, é simplesmente fantástica, devido a sua capacidade de aprender com a morte, o sentido da vida, mesmo quando não se queira morrer. Nessa perspectiva, os valores literários dessa obra leva o leitor a compreender o fascínio da vida, vendo-a como uma oportunidade constante de recomeço, de entrega e supremacia diante dos desafios que a vida impõe.

E dessa relação ressurgem um novo escritor, tão volátil e tão enigmático ao mesmo tempo. Ele se torna um emblema a ser decifrado a alto custo racional ao mesmo tempo em que se doa às mais simples experiências da vida. Essa dicotomia de Caio faz dele um ser humano raro, que nem mesmo o tempo ou a morte é capaz de apagar. Sua forma de viver a vida é alucinante até mesmo para seus leitores que ao

acompanhar sua voracidade se perde e se encontra no labirinto das palavras que se mesclam em um caráter jornalístico, romântico, poético e narrativo.

No entanto, de todas as observações, destaca-se nesse trabalho a questão do escrever de Caio Abreu e como ele relaciona sua literatura com a doença contraída. Ao descobrir que estava contaminado com o vírus do HIV, Caio vivencia momentaneamente inúmeros sentimentos, realidades, medos e angústias; porém em nenhuma dessa situação, ele desiste de escrever. Pelo contrário, percebe-se através da obra *Pequenas Epifanias* que é nesse momento crucial de sua vida que ele debruça no ato de escrever. Escrever para Caio torna-se um momento libertador, onde ele se eterniza por meio de suas cartas. E nessas cartas se revela ao mundo, contando sua vida e seus sentimentos.

A inspiração de escrever, que já existia em Caio, recebe impulso com a doença da AIDS, e o autor se entrega à literatura com imensa tenacidade, desvelando-se ao mundo e discutindo os mais variados assuntos. Esse fator torna a sua literatura enriquecedora, humanizada e muito presente no cotidiano das pessoas. Talvez seja esse fato que o torna apaixonante aos seus leitores, cumprindo o desejo de Caio, quando disse: “*Queria tanto que alguém me amasse por alguma coisa que escrevi*”. E como há amantes para esse autor; simplesmente pelo que escreveu.

Outra finalidade dessa pesquisa está ligada à área científica, pois permite compreender o seu caráter literário ao perceber a tipologia crônica que se divide em cinco momentos: a narrativa que tem um caráter real e ficcional; a metafísica que traz uma reflexão filosófica sobre as pessoas e os fatos; a poética que retrata o lado lírico do autor ao desvendar uma linguagem simbólica; a crônica e comentário que faz menção aos acontecimentos e a de perfil informativo que não é tão pessoal, comentando de forma breve os fatos, assuntos enriquecedores para trabalhar em sala de aula, de forma a contribuir com a formação pessoal e profissional de docentes e discentes.

De fato, a aprendizagem desse trabalho foi muito grande, enriquecedora e transversal em minha vida. Hoje me sinto livre para pensar e discutir muitos temas, que rodeiam a vida humana e que podem determinar de alguma forma, o pensamento e o comportamento das pessoas em diferentes fases da vida. Fica o desafio de continuar lendo, pensando e estudando Caio Fernando, pois esse autor tem muito ainda a nos ensinar sobre quase tudo da vida. Retomar e ampliar o estudo sobre Caio é um dos desafios mais atenuante que permeia minha vida como pessoa/pesquisador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas Epifanias: crônicas 1986-1995**. 4ª edição, Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2014.

_____. **Triângulo das águas**. Porto Alegre: L&P Pocket, 2007.

ALSEMI, André Luiz. **A (des)pretensa arte de escrever cartas: Caio Fernando Abreu e a escrita de si**. Itinerários, Araraquara, n. 42, p.93-110, jan./jun. 2016.

BESSA, Marcelo Secron. **Os Perigosos: autobiografias e AIDS**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2002.

_____. **Histórias positivas: a literatura (des)construindo a Aids**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

DIP, Paula. **Para sempre teu, Caio F. – cartas, memórias, conversas de Caio Fernando Abreu**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

FRAZÃO, Dilva. **Caio Fernando de Abreu**, 2013. Disponível em <https://www.ebiografia.caiofernandodeabreu.com.br>. Acesso em dezembro de 2019.

MAGRI, Milena Mulatti. **A AIDS nas crônicas de Caio Fernando Abreu**. Revista Estação Literária. Londrina, volume 11, Paraná, 2013.

MENDES, Fernando Oliveira. **Linda, uma história horrível: A literatura encontra o vírus da AIDS**. Itinerário Araraquara, UNESP, n. 13. São Paulo, 1998.

MORICONI, I. **Prefácio**. In: ABREU, C. F. *Cartas. Organização Ítalo Moriconi*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

PASSOS, Marie Héléne. **Caio de Abreu – cartas descobertas: da memória adormecida a leitura genética**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 37-42, out./dez. 2010.

SILVA, Flávia Lúcia Espíndola. **Pequenas Epifanias: a argumentação em crônicas de Caio Fernando Abreu**. Gel. Fundação Eurípides. Marília SP, 2008.